

---

# Considerações sobre o aforismo XCV do Novum Organum de Francis Bacon

## Considerations about the aphorism XCV of Novum Organum of Francis Bacon

Ricardo Czepurnyj Ferrara.

Ricardo Czepurnyj Ferrara. Mestre em Filosofia na Universidade São Judas (2013). Graduado bacharel em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu (2009) e bacharel em Sistemas de Informação pelo Centro Universitário Íbero - Americano - UNIBERO (2006). Docente do curso de Direito das Faculdades Integradas Campos Salles

### Resumo

Bacon critica duas concepções divergentes: a dogmática e a cética. Enquanto a primeira versa por uma pretensão de emitir um juízo sobre tudo o que a realidade abrange, a segunda versa por uma postura crítica de que a realidade das coisas não estaria ao acesso humano, isentando-se da emissão de um parecer positivo ou negativo acerca da realidade. Para Bacon, a natureza deveria ser controlada, aperfeiçoada, por meio de experimentos e métodos apropriados. Ou seja, o homem é o sujeito do conhecimento. Nessa direção, rejeita completamente a concepção aristotélica da natureza como sujeito do conhecimento, bem como assume uma postura crítica em relação a todos que se posicionaram a favor dessa concepção.

**Palavras chave:** ídolos, ciência, natureza, experimentos, razão

### Abstract

Bacon criticizes two divergent conceptions: the dogmatic and skeptical. While the first is a claim to issue a judgment on everything that reality covers, the second is a critical position that the reality of things would not be human's access, exempting from the issuance of a positive opinion or negative about reality. For Bacon, the nature should be controlled, improved by means of suitable experiments and methods. In other words, man is the subject of knowledge. In this direction, he completely rejects the aristotelian conception of nature as a subject of knowledge, and takes a critical stance towards all who stood in favor of this view.

**Keywords:** idols, science, nature, experiments, reason

---

## INTRODUÇÃO

O enfoque deste presente trabalho é a análise dos principais conceitos do aforismo XCV do *Novum Organum*, começando por mostrar a crítica de Bacon aos dogmáticos e aos céticos e como Bacon desenvolveu a sua perspectiva da renovação do conhecimento a partir de suas críticas de ambas as tendências, passando pelos seis passos da Grande Instauração e a teoria dos ídolos, tendo por objetivo a consolidação do seu projeto de restauração do saber filosófico.

### Justificativa

Trata-se de um tema relevante para a história da filosofia no Ocidente, um tópico não totalmente explorado e, portanto, não totalmente esclarecido na bibliografia a que esse tema pertence e sobre o qual muito pouco ou nada existe em português. O estudo dessa temática vem para contribuir significativamente para o aumento da bibliografia disponível em língua portuguesa.

### Metodologia

A pesquisa serve-se de fontes primárias do autor e recorre a outros autores conforme o assunto exige, como também a utilização de comentador.

### Referencial teórico

O enfoque deste presente trabalho é a análise dos principais conceitos do aforismo XCV do *Novum Organum*, começando por mostrar a crítica de Bacon aos dogmáticos e aos céticos e como Bacon desenvolveu a sua perspectiva da renovação do conhecimento a partir de suas críticas de ambas as tendências, passando pelos seis passos da Grande Instauração e a teoria dos ídolos, tendo por objetivo a consolidação do seu projeto de restauração do saber filosófico.

No prefácio do livro *Novum Organum*, Bacon (1973) afirma que “todos aqueles que ousaram proclamar a natureza como assunto exaurido para o conhecimento, por convicção,

por vezo professoral ou por ostentação, infligiram grande dano tanto à filosofia, quanto às ciências.” (BACON, 1973, p. 11)

Neste presente trecho, Bacon faz referência crítica aos dogmáticos e aos céticos, que assumem posturas diametralmente opostas.

### **1.) A crítica aos dogmáticos**

Os dogmáticos são acusados da pretensão de fornecer o seu parecer sobre todas as coisas, com ares de versados doutores, enrijecendo a possibilidade de novos conhecimentos. Está se referindo aos gregos que utilizavam o argumento com o propósito de vencer os adversários, e eram dados à observação da natureza, que nada mais era do que a contemplação desinteressada, a natureza assumia o estatuto de sujeito e não estava sujeita ao domínio humano. A lógica dedutiva aristotélica, mais precisamente o silogismo, regia essas concepções. Bacon critica o método dedutivo com a alegação de que os princípios abstratos, as categorias aristotélicas são vazias e não remetem às novas descobertas, pois estavam desconectados da natureza. Fazendo isso, o projeto baconiano visava implodir a dicotomia entre experiência e razão, ao estreitar a relação entre a teoria e a natureza das coisas. Bacon (1973) ainda afirma que:

“os gregos, com efeito, possuem o que é próprio das crianças: estão sempre prontos para tagarelar, mas são incapazes de gerar, pois, a sua sabedoria é farta em palavras, mas estéril de obras. Aí está por que não se mostram favoráveis os signos que se observam na gente e na fonte de que provém a filosofia ora em uso”. (BACON, 1973, p. 47).

A crítica baconiana dirige-se caráter nacional dos gregos: vanglória, disputa, e a autopromoção, todos os aspectos que Bacon considerada hostis a busca de uma investigação cooperativa, rigorosa e frutífera.

Aprofundando a crítica, Adorno e Horkheimer (1969) referem-se à Bacon como alguém que “desprezava os adeptos da tradição, que primeiro acreditam que os outros sabem o que eles não sabem; e depois que eles próprios sabem que não sabem” (ADORNO & HORKHEIMER, 1969, p.17) e aponta alguns indícios que levaram a tradição a colocarem a natureza como sujeito:

“a credulidade, a aversão à dúvida, a temeridade no responder, o vangloriar-se com o saber, a timidez no contradizer, a preguiça nas investigações pessoais, o fetichismo verbal, o deter-se em conhecimento parciais: isto e coisas semelhantes impediram um casamento feliz do entendimento humano com a natureza das coisas e o acasalaram, em vez disso a conceitos vãos e erráticos: o fruto e a posteridade de

tão gloriosa união podem-se facilmente imaginar.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1969, p.17)

Neste trecho Adorno evidencia uma crítica às filosofias de cunho socrático, que tinham por finalidade o conhecimento através da contemplação da natureza e os apontamentos feitos acima, configura que a tradição obstruiu o caminho para o conhecimento da realidade. A crítica baconiana será muito aproveitada por Adorno e Horkheimer para a instauração de sua Dialética do Esclarecimento, que estará fundamentada através de um desencantamento do mundo, ou seja, a substituição da natureza pelo homem como o sujeito do conhecimento e da dominação.

## 2.) Crítica aos céticos

Os céticos, por sua vez, se enclausuraram na *acatalepsia*, que significa a impossibilidade do alcance da verdade, *αχαταλεπσια* em grego, que quer dizer literalmente incompreensibilidade. Eles se julgavam no direito da *epokhé*, *Εποκη* em grego, que significa suspensão de juízo, ou seja, não atribuíam o juízo de verdade ou de falsidade, por alegarem desconhecer a verdadeira natureza das coisas. O objetivo da *epokhé* nos céticos é o alcance da *ataraxia*, a tranqüilidade da alma pela suspensão do juízo. Nessa direção, FILHO (1992) faz uma pertinente análise sobre a relação entre *epokhé* e *ataraxia*:

“... e também os céticos, com efeito, esperavam recobrar a serenidade do espírito com base em submeter em juízo a disparidade dos fenômenos e das considerações teóricas; porém, não sendo capazes de fazer isto, suspenderam seus juízos (*epokhé*) e, ao suspender seus juízos, os acompanhou como por sorte a serenidade do espírito (*ataraxia*), do mesmo jeito que a sombra segue o corpo.” (FILHO, 1992, p. 29-30).

Bacon (1973) faz uma crítica ferrenha aos céticos:

“de fato, mesmo aqueles que com tanta confiança pronunciam o seu juízo sobre a realidade, põem-se a lamentar a respeito da obscuridade das coisas, da sutileza, da natureza, da fraqueza do intelecto humano. (...) Mas, não contentes de falarem deles próprios, põem fora do limites do possível tudo o que tenha permanecido ignorado e inatingível para si e para os seus mestres, e declararam-no incognoscível e irrealizável, quase sob a autoridade da própria arte. Com suma presunção e malignidade fazem de sua fraqueza razão de calúnia para com a natureza e desespero para com todos os demais. (...)” (BACON, 1973, p. 39-40)

Os céticos se equivocaram ao darem um parecer absoluto de que a realidade das coisas não está ao alcance humano, e por isso, não emitiam um juízo de verdade ou falsidade. Todavia, emitiam o parecer absoluto de que não podiam emitir nenhum parecer sobre a realidade. De certa forma, não deixam de ser dogmáticos com essa posição. Rossi (2006) destaca com relação aos céticos que:

“o silogismo pode prover o assentimento, mas não conduz à realização das obras porque a sutileza da natureza escapa a seus limites. Os argumentos constam, com efeito, de proposições, as proposições de palavras e as palavras são como rótulos (marks) das noções. Se essas noções foram tiradas dos particulares de modo grosseiro, o erro não poderá ser corrigido nem pelo exame das conseqüências dos argumentos, nem por aquele da verdade das proposições: o mal, como dizem os médicos, remonta à primeira digestão, e não pode ser retificado pelas outras funções do organismo. Não é sem razão que muitos filósofos aderiram a uma posição cética que nega ao conhecimento qualquer certeza e afirma que o saber humano se limita ao campo daquilo que é provável e aparente. O erro dos principais filósofos céticos foi o de atribuir ao sentido à causa desta falência.” (ROSSI, 2006, p. 330)

Rossi comenta que pelo fato da natureza possuir nuances que escapam aos domínios silogísticos fez com que os céticos assumem a postura de não atribuírem certeza a quaisquer conhecimentos que não sejam verificáveis empiricamente, e que este é justamente o erro que levou os céticos a ofuscarem a natureza das coisas.

Bacon (1973) destaca que há coisas em comum no que tange ao projeto cético e o seu projeto de restauração de conhecimento, como por exemplo, o ataque à tradição aristotélica, mas que há perdas significativas por assumirem a *acatalepsia*:

“Aqueles, com efeito, afirmavam cabalmente que nada pode ser conhecido. De nossa parte, dizemos que não se pode conhecer muito acerca da natureza, com auxílio dos procedimentos ora em uso. E, indo mais longe, eles destroem a autoridade dos sentidos e do intelecto, enquanto que nós, ao contrário, lhes inventamos e subministramos auxílios.” (BACON, 1973, p. 26)

Comparando a crítica de Bacon aos dogmáticos e céticos: aos dogmáticos, critica a autoridade que está alicerçada na contemplação da natureza, a tal ponto que está se transforma em sujeito do conhecimento, e seria preciso combater esse paradigma até que a natureza estivesse totalmente controlada pelo domínio humano. Por outro lado, critica os céticos que assumem a posição de suspender o juízo de verdade ou de falsidade, ignoram a autoridade dos sentidos, clamada por Bacon como essencial ao seu projeto. Em poucas palavras, Bacon rechaça a autoridade aristotélica por considerar a natureza como sujeito, mas retoma a autoridade dos sentidos esquecida pelo projeto cético da *epokhé*.

O objetivo do projeto baconiano, segundo Paolo Rossi (2006) passa pela perspectiva de que:

“na história da raça humana teria começado uma nova época. Diante desse novo destino que espera os homens e que os homens têm de construir para si próprios não é admissível procurar chamar de volta à vida a ciência das trevas da antiguidade, em lugar de procurá-lo na luz da natureza: *nec refert quid factum fuerit, illud videndum quid fieri possit.*” (ROSSI, 2006, p.147-148)

Os homens teriam que promover uma revolução do saber em todos os níveis da sociedade, mas deveria começar essa revolução a partir de si mesmo, não compactuando mais com as filosofias da antiga tradição. Era uma nova postura a ser tomada em relação ao conhecimento.

Ainda de acordo com Rossi (2006) :

“aquilo de que Bacon acusa os filósofos da antiguidade (Platão, Aristóteles, Galeno, Cícero, Sêneca, Plutarco) e os da Idade Média (S.Tomás, Duns Scoto, Ramus, Cardano, Paracelso, Telesio) não consiste numa série de erros de caráter teórico. Estas filosofias podem ser colocadas todas no mesmo plano, são passíveis das mesmas acusações e partilham do mesmo destino, uma vez que são expressão de uma atitude moralmente culpada. (...) Não se trata, portanto, de substituir aquelas filosofias por uma nova filosofia que pretenda tomar o seu lugar movendo-se sobre o mesmo terreno, aceitando seus princípios diferentes e diferentes tipos de argumentações e de demonstrações: o que se requer é um novo conceito de verdade, uma nova moralidade, uma nova lógica.” (ROSSI, 2006, p.148)

### **3.) A *Instauratio Magna***

Rossi nos aponta as principais correntes filosóficas tradicionais, tanto na época pós-socrática, quanto do medievo, na qual Bacon se coloca em posição de combate. Todavia, não convém simplesmente fazer sobreposições de filosofias, e continuar com o mesmo método lógico-dedutivo, com princípios abstraídos do intelecto, contudo, distantes do mundo real. O método de concepção do conhecimento precisa ser alterado para que o conhecimento refletisse a realidade. Contra a estagnação do conhecimento dos filósofos tradicionais e o relativismo do alcance da verdade dos céticos, Bacon propõe a *Instauratio Magna*, do latim, Grande Instauração, uma reconfiguração dos saberes para mudar o paradigma da antiga tradição para uma nova ciência que refletisse fielmente a natureza.

A *Instauratio Magna* está intrinsecamente relacionada com a crítica ao aristotelismo, a questão da lógica dedutiva que não encaminhava o homem a novos conhecimentos, a concepção de que o homem é uma tabula rasa, isto é, o homem receptor das realidades exteriores, passivo e apático no sentido de transformar a natureza. Era preciso restaurar o conhecimento em todos os âmbitos sociais impregnados pela filosofia aristotélica, começando pela reforma no ensino das universidades, mais especificamente privilegiando a formação científica e também na política através do financiamento do Rei. Refinando a análise, era

preciso o homem assumir a condição de sujeito que domina a natureza e renunciar a passividade de ser mero receptáculo da realidade.

O método de Bacon está centrado na lógica indutiva, em detrimento da lógica dedutiva, que consiste no estabelecimento de uma escala de certezas para determinar o alcance exato dos sentidos e rejeitar, na maior parte dos casos, o labor da mente, abrindo a via da mente para as percepções sensíveis.

Rossi (2006) afirma que “a insuficiência da lógica ora em uso depende, para Bacon, do fato de que ela renunciou a ser útil às artes mecânicas e liberais, às ciências, às descobertas de axiomas.” (ROSSI, 2006, p. 329)

A lógica dedutiva não podia ser útil às artes mecânicas e liberais, às ciências, às descobertas de axiomas, trabalhava com abstrações que não eram provenientes da natureza, o conhecimento concebido não era reflexo da realidade. Contudo, essas modalidades isoladas não conseguem atender a magnitude da problemática baconiana. Era necessário um giro metodológico, uma restauração na forma de conceber o conhecimento.

Essa restauração é a *Instauratio Magna* está embasada em 6 princípios: a classificação das ciências, um novo método ou manifestações sobre a interpretação da natureza, uma ênfase aos fenômenos do universo ou história natural e experimental para a fundamentação da filosofia, uma escala do entendimento ou o fio do labirinto, uma introdução ou antecipações à filosofia segunda e a filosofia segunda ou ciência ativa. No latim, pode ser notado: “*Partitiones scientiarum, Novum organum sive Indicia de interpretatione naturae, Phaenomena universi sive Historia naturalis et experimentalis ad condendam philosophiam, Scala intellectus, sive Filum labyrinth, Prodromi sive Anticipationes philosophiae secundae e Philosophia secunda, sive Scientia activ*”.

Na classificação das ciências, era preciso uma sistematização do conjunto do saber humano, de acordo com as faculdades que o produzem, uma ciência operativa para o bem-estar de todos. Aqui está pressuposta a crítica ao silogismo e o método dedutivo e a crítica da estagnação do conhecimento da natureza.

Para o novo método ou manifestações sobre a interpretação da natureza, Bacon propõe a substituição do *Organon aristotélico* para um *Novum Organum*, ou seja, passagem do método lógico-dedutivo para o método lógico-indutivo.

Os Fenômenos do universo ou História natural e experimental para a fundamentação da filosofia que trata das compilações de dados históricos experimentais, colocando em

evidência a dicotomia entre a história como contemplação e a histórica com cunho puramente experimental.

Com a escala do entendimento ou fio do labirinto, Bacon quer evidenciar o caráter provisório da ciência, é necessário exemplos de investigação, uma ampla gama de condições experimentais qualitativas e quantitativas. Essa escala está relacionada às tábuas de presença (registro de presenças das formas que se investigam), ausência (registro de presenças das formas que se investigam) e comparação dos experimentos (registro das variações que as referidas formas manifestam). Essas tábuas dão o alicerce para a lógica indutiva baconiana. Com isso, rechaçam-se causas que não se relacionam com o efeito, e pontua a diferenciação entre experiência vaga, que se trata de noções do senso comum coletadas ao acaso, e a experiência propriamente científica, fundamentada na observação metódica e possibilidade de alterações de condições específicas do experimento.

Na introdução ou antecipações à filosofia segunda, Bacon faz considerações em relação ao novo método, para mostrar o avanço por ele permitido. Trata-se da primeira colheita dos frutos experimentais sob a égide da lógica indutiva.

A filosofia segunda ou ciência ativa é o resultado final depois de longos ensaios experimentais, agora organizados em um sistema axiomático.

#### 4-) Os Ídolos

Segundo Bacon (1973) haveria:

“ídolos e noções falsas que ora ocupam o intelecto humano e nele se acham implantados não somente o obstruem a ponto de ser difícil o acesso da verdade, como mesmo depois de seu pórtico logrado e descerrado, poderá ressurgir como obstáculo à própria instauração das ciências, a não ser que os homens, já precavidos contra eles, se cuidem o mais que possam” (BACON, 1973, p.26)

e que “bloqueiam a mente humana, que são os Ídolos da Tribo, Ídolos da Caverna, Ídolos do Foro e Ídolos do Teatro.” (BACON, 1973, p.27)

Conforme Rossi (2006):

“a doutrina dos *ídola*, é parte integrante, segundo Bacon, da nova lógica da ciência. Esta, diferentemente da lógica tradicional, tem por objetivo a invenção das artes em lugar da invenção dos argumentos; não quer ensinar a dominar a ganhar as discussões, mas quer lhes ensinar a dominar a realidade natural. (...) Na raiz da teoria baconiana dos *ídola* está a certeza de que a situação da mente humana diante das coisas não é de fato o que ela deveria ser de direito.” (ROSSI, 2006, p. 340)



Rossi explica, conforme já dito, que a ciência nova funda-se por meio de uma nova metodologia de conceber o conhecimento, e passa pela transição da lógica dedutiva, baseada em argumentos abstraídos da mente, com pouca conexão com a realidade, para a lógica indutiva, alicerçada no experimento, no que pode ser verificado empiricamente através dos testes e as condições de experimentos, como a quantidade de testes, bem como a eficácia nos procedimentos utilizados. Seguindo o raciocínio de Rossi (2006) :

“a mente humana, saída das mãos do Criador, era semelhante a um espelho capaz de refletir a totalidade do mundo; o homem tinha um conhecimento puro e primigênio da natureza e da universalidade das coisas, à luz da qual teve a possibilidade de dar nomes aos animais do Paraíso terrestre, conforme a natureza deles. Na origem da queda não está esse saber puro e casto, mas a pretensão humana da ciência do bem e do mal. Com o pecado o homem perdeu, ao mesmo tempo, sua liberdade e a pura iluminação do intelecto: o céu e a terra, originalmente criados para o uso do homem, ficaram – eles também – sujeitos à corrupção, entre ‘o espírito do homem e o espírito do mundo’ surgiu uma fratura profunda e a mente tornou-se semelhante a um ‘espelho encantado’, que refletia, distorcidos, os raios das coisas.” (ROSSI, 2006, p.343)

A teoria dos ídolos está intrinsecamente relacionada com o significado religioso, se fazia necessário restaurar o conhecimento natural antes da queda, por ocasião do pecado original. Com isso, o homem perdeu a inocência primitiva e o domínio da natureza. O homem desobedeceu ao Criador e a natureza se transformou em um espelho encantado, que encobriu a sua verdadeira realidade. Fazia-se necessário retomar a inocência primitiva através da fé e da religião, todavia com a separação da filosofia e da teologia e a retomada do domínio da natureza pela perspectiva de rompimento com a concepção da verdade como autoridade. Vale a pena ressaltar que este sentido religioso está fundamentado na perspectiva de Lutero e de Calvino.

Segundo Bacon (2006):

“os ídolos que se impõem ao intelecto através das palavras são de duas espécies. Ou são nome de coisas que não existem (pois do mesmo modo que há coisas sem nomes por mera suposição fantástica, a que não corresponde coisas), ou são nomes de coisas que existem, mas confusos e mal determinados e abstraídos das coisas, de forma temerária e inadequada.” (BACON, 2006, p.35)

A primeira categoria de ídolos está relacionada com a fortuna, o primeiro móvel, as órbitas planetárias, o fogo, ou seja, tudo que estiver relacionado com abstrações desconexas com a natureza dos fatos, e é de fácil expulsão, segundo Bacon.

A segunda categoria está relacionada com uma forma mais complexa, que permeia a mente com abstrações errôneas, como é no caso da palavra úmido que pode assumir diversas

conotações completamente antagônicas. Essas duas características permeiam as quatro modalidades de ídolos a serem apresentadas.

Os ídolos da tribo:

“estão fundados na própria natureza humana, na própria tribo ou espécie humana. É falsa a asserção de que os sentidos do homem são a medida das coisas. Muito ao contrário, todas as percepções, tanto dos sentidos como da mente guardam analogia com a natureza humana e não com o universo. O intelecto humano é semelhante a um espelho que reflete desigualmente os raios das coisas e, dessa forma, as distorce e corrompe.” (BACON, 1973, p.27)

De acordo com Rossi (2006):

“os ídolos da tribo estão fundados sobre a própria constituição da natureza humana. Esses erros derivam da fraqueza dos sentidos, da limitação do intelecto, da influência dos afetos, do modo de receber as impressões dos objetos, da atitude diante das concepções já aceitas. Os principais impedimentos derivam da falácia e do obtuso dos sentidos que, tomados em si, são coisa vaga e sujeita a erros. O que, com maior força e imediatez atinge os sentidos que, tomados em si, são coisa vaga e sujeita a erros.” (ROSSI, 2006, p.345)

Esta espécie de ídolos leva em consideração a debilidade dos sentidos, que faz com que o homem julgue as coisas não como elas são, mas como lhes aparece, e por se deixarem levar pelas aparências, erram. São ídolos inatos à natureza humana, como preconceitos. Estes preconceitos fazem com que a razão não tenha a liberdade de julgar autonomamente.

Os Ídolos da caverna:

“são os dos homens enquanto indivíduos. Pois, cada um – além das aberrações próprias da natureza humana em geral – tem uma caverna ou uma cova que intercepta e corrompe a luz da natureza: seja devido à natureza própria e singular de cada um; seja devido à educação ou conversação com os outros; seja pela leitura dos livros ou pela autoridade daqueles que se respeitam e admiram; seja pela diferença de impressões, segundo ocorram em ânimo preocupado e predisposto ou em ânimo equânime e tranqüilo; de tal forma que o espírito humano – tal como se acha disposto em cada um – é coisa vária, sujeita a múltiplas perturbações e até certo ponto sujeita ao acaso. Por isso, bem proclamou Heráclito que os homens buscam em seus pequenos mundos e não grande ou universal.” (BACON, 1973, p.28)

Os ídolos da caverna tratam da natureza do indivíduo e não da raça humana como um todo, e nos remete ao mito da caverna. Nessa direção, Chauí (2002) explica:

“O relato da subida e da descida expõe a paidéia (em grego παιδεία) como dupla violência necessária: a ascensão é difícil, dolorosa, quase insuportável; o retorno à caverna, uma imposição terrível à alma libertada, agora forçada a abandonar a luz e a felicidade. A dialética, como toda a técnica, é uma atividade exercida contra uma passividade, um esforço (pónos, em grego πῶνος) para concretizar *seu* fim forçando um ser a realizar sua própria natureza. No Mito, a dialética faz a alma ver sua própria essência (eidos, em grego εἶδος) - conhecer - vendo as essências (idéa - o objeto do conhecimento -, descobrindo seu parentesco com elas. A violência é

libertadora porque desliga a alma do corpo, forçando-a a abandonar o sensível pelo inteligível” (CHAUI, 2002, p. 145)

Ainda na perspectiva da caverna, a comentadora afirma:

“a caverna, diz Platão, é o mundo sensível onde vivemos. A réstia de luz que projeta as sombras na parede é um reflexo da luz verdadeira (as idéias) sobre o mundo sensível. Somos os prisioneiros. As sombras são as coisas sensíveis que tomamos pelas verdadeiras. Os grilhões são nossos preconceitos, nossa confiança em nossos sentidos e opiniões. O instrumento que quebra os grilhões e faz a escalada do muro é a dialética. O prisioneiro curioso que escapa é o filósofo. A luz que ele vê é a luz plena do Ser, isto é, o Bem, que ilumina o mundo inteligível como o Sol ilumina o mundo sensível. O retorno à caverna é o diálogo filosófico. Os anos despendidos na criação do instrumento para sair da caverna são o esforço da alma, descrito na Carta Sétima, para produzir a "faísca" do conhecimento verdadeiro pela "fricção" dos modos de conhecimento. Conhecer é um ato de libertação e de iluminação.”(CHAUI, 2002, p.145)

Os grilhões se relacionam com a não-abertura do indivíduo à realidade circundante por causa de seus preconceitos que o impede de conceber uma nova opinião, uma nova visão de mundo. Para romper com os preconceitos, é necessário entrar na dinâmica da dialética, mas para isso, é de suma importância uma honestidade intelectual por parte do homem. Assim, o processo de conhecimento configura-se como atividade libertadora e esclarecida.

Para Bacon, há quatro fontes de ídolos da caverna, no latim, *idola specus*: a ligação para com um tipo particular de indagação; a tendência excessiva para com a análise ou a síntese; a preferência por um determinado período da história humana; a consideração exclusiva dos elementos simples ou do conjunto da realidade natural.

O primeiro caso, de acordo com Rossi (2006):

“é o dos homens que se ‘acostumaram’ às contemplações particulares às quais, há muito tempo, se dedicaram. Quando se dirigem para as teorias gerais, eles as deformam, dobrando-as às exigências de suas indagações precedentes: é o caso de Aristóteles, que submeteu à sua lógica a filosofia natural, tornando-a verbalista (...)” (ROSSI, 2006, p.327)

Rossi (2006) comenta que a questão não está no fato da contemplação dos homens, mas na atitude de se voltarem para as preposições gerais e as condicionarem de acordo com as formas de suas contemplações. O segundo caso “vem do fato que os pensadores se subdividem em duas grandes categorias: os que sabem colher as diferenças entre as coisas e os que têm condições de colher apenas semelhanças. (ROSSI, 2002, p. 347) As duas posturas são entraves para o esclarecimento, e que as duas atitudes opostas excede o intelecto e concebe análises por vezes complexas. O terceiro caso “é o ligado à tentativa de muitos filósofos de extrair a verdade de algum estado feliz de tempos passados.” (ROSSI, 2002, p. 347)

Alguns homens nostálgicos pelos tempos antigos se apegaram ferrenhamente ao passado, sem considerar os novos tempos. Atitude semelhante teve alguns que só levaram em consideração as conquistas presentes e julgaram como escória toda a história da filosofia. A postura ideal é a via média entre essas posturas, um justo equilíbrio.

O quarto caso:

“é o que deriva de duas atitudes contrastantes em relação à natureza: alguns se dedicam de tal forma à análise das parcelas que compõe os corpos que acabam perdendo de vista o conjunto; outros são tão fascinados pela contemplação da totalidade que são incapazes de penetrar nos elementos simples da natureza.” (ROSSI, 2002, p. 347)

Essas duas perspectivas isoladas não são úteis para o conhecimento, pois a primeira perspectiva levaria ao enfraquecimento e fracionamento do intelecto e a segunda perspectiva levaria à dissolução do intelecto, pela exclusividade de entender a totalidade das coisas. Como no terceiro caso, é necessário buscar uma conciliação para que o intelecto seja sagaz e agudo na atividade do conhecimento.

Para os ídolos do fórum, Bacon relata:

“há também os ídolos provenientes, de certa forma, do intercurso e da associação recíproca dos indivíduos do gênero humano entre si, a que chamamos de ídolos do foro devido ao comércio e consórcio entre os homens. Com efeito, os homens se associam graças ao discurso, e as palavras são cunhadas pelo vulgo. E as palavras, impostas de maneira imprópria e inepta, bloqueiam espantosamente o intelecto. Nem as definições, nem as explicações com que os homens doutos se munem e se defendem, em certos domínios, restituem as coisas ao seu lugar. Ao contrário, as palavras forçam o intelecto e o perturbam por completo. E os homens são, assim, arrastados a inúmeras e inúteis controvérsias e fantasias.” (ROSSI, 2002, p. 28)

Rossi (2006) comenta que:

“toda a teoria baconiana da linguagem e da sua função no âmbito da pesquisa científica apóia-se nessa colocação e do fato de não ter percebido isso (a verificação ou o falseamento de qualquer enunciado lingüístico) deriva – a meu ver – a insuficiência de muitas abordagens dedicadas à doutrina dos *ídola fori*... a atitude de Bacon funda-se na convicção de que a linguagem, como, aliás, os outros produtos do espírito humano constituem ou, pode constituir um obstáculo, do qual, entretanto, enquanto criaturas humanas, nós não podemos abrir mão, para a autêntica compreensão da realidade, sendo ela – em outras palavras – algo que se interpõe entre o homem e os fatos reais ou as forças da natureza.” (ROSSI, 2002, p. 353-354)

Os ídolos do fórum passam pela perspectiva da ambigüidade das palavras e a comunicação, com as ilusões impostas pela palavra, que embaralha a premissa de que a razão tem a primazia sobre as palavras. Segundo Bacon (1973):

“há, por fim, ídolos que imigraram para o espírito dos homens por meio das diversas doutrinas filosóficas e também pelas regras viciosas da demonstração. São os ídolos do teatro: por parecer que as filosofias adotadas ou inventadas são outras tantas fábulas, produzidas e representadas, que figuram mundos fictícios e teatrais.

Não nos referimos apenas às que ora existem ou às filosofias e seitas dos antigos. Inúmeras fábulas do mesmo teor se pode reunir e compor, porque as causas dos erros mais diversos são quase sempre as mesmas. Ademais, não pensamos apenas nos sistemas filosóficos, na sua universalidade, mas também nos numerosos princípios e axiomas das ciências que entraram em vigor, mercê da tradição, da credulidade e da negligência. Contudo, falaremos de forma mais ampla e precisa de cada gênero de ídolo, para que o intelecto humano esteja acautelado.” (BACON, 1973, p. 28-29)

Os ídolos do teatro representam os sistemas filosóficos como pura invenção, pois distanciam da natureza das coisas e da realidade circundante, causando alienação das mentes. Segundo Bacon (1973), há três grupos que promoveram esta espécie de ídolos: os sofistas, os empíricos e os supersticiosos. Os sofistas, por induzirem ao erro as mentes através das disputas através de argumentos tautológicos e falaciosos, que seduziram a muitos que se deixaram levar mais pelo intelecto do que a realidade:

“Mas em geral supõe-se para a matéria da filosofia ou muito a partir de pouco ou pouco a partir de muito. Assim, a filosofia se acha fundada, em ambos os casos, numa base de experiência e história natural excessivamente estreita e se decide a partir de um número de dados muito menor que o desejável. Assim, a escola racional se apodera de um grande número de experimentos vulgares, não bem comprovados e nem diligentemente examinados e pensados, e o mais entrega à meditação e ao revolver do engenho.” (BACON, 1973, p. 37-38)

Os empiristas por canonizarem os sentidos como medida da totalidade da experiência, e por serem obscuros em alguns procedimentos experimentais:

“Há também outra espécie de filósofos que se exercitaram, de forma diligente e acurada, em um reduzido número de experimentos e disso pretenderam deduzir e formular sistemas filosóficos acabados, ficando, estranhamente, os fatos restantes à imagem daqueles poucos distorcidos.” (BACON, 1973, p. 38)

E, finalmente, os supersticiosos por levarem em conta as formas abstratas e ignorarem completamente a experiência sensível:

“E há uma terceira espécie de filósofos, os quais mesclam sua filosofia com a teologia e a tradição amparada pela fé e pela veneração das gentes. Entre esses, há os que, levados pela vaidade, pretenderam estabelecer e deduzir as ciências da invocação de espíritos e gênios.” (BACON, 1973, p. 38)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bacon (2006) analisa que os indivíduos que se debruçaram à ciência raciocinavam como formigas e aranhas. Os empíricos são comparados a formiga, porque “acumulam e usam as provisões” (BACON, 2006, p.69), ou seja, reduziram o seu campo de trabalho as experiências adquiridas. Já os racionalistas são comparados à aranha que “de si mesmos extraem o que

lhes serve para a teia” (BACON, 2006, p.69), e este se configura como o método dedutivo, que confecciona cenário a partir da intelecção, ou seja, o seu conhecimento tem pouco qualquer embasamento na realidade.

Depois de ter varrido do mapa do conhecimento todos os ídolos que obstruem uma clarificação e progresso na concepção desse conhecimento, o modelo a ser imitado é o da abelha que “recolhe a matéria-prima das flores do jardim e do campo e com seus próprios recursos a transforma e digere” (BACON, 2006, p.69), em outras palavras, é necessário a articulação entre a dinâmica da experiência e a dinâmica da razão, onde o conhecimento é coletado na experiência e é submetido ao trabalho da razão, tendo como o objetivo a busca da verdade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÔNICAS

ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max; *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006

BACON, Francis. *Novum Organum*. In *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1973.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da Filosofia: Dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FILHO, Roberto Bolzani. *O ceticismo pirrônico na obra de Sexto Empírico*. São Paulo: Tese de mestrado, 1992

ROSSI, Paolo. *Francis Bacon: da magia à ciência*. Curitiba/Londrina: UFRP/Eduel, 2006.